



O CONCURSO DOS INTELECTUAIS

O operariado acolhe sempre com a maior simpatia todas as iniciativas com carácter social, com um intuito de liberação humana, partam essas iniciativas de núcleos de trabalhadores ou de elementos intelectuais. Nota-se ultimamente, por parte de certos elementos que não estão filiados na C. G. T. mas que não deixam de ser trabalhadores, realizando embora um trabalho intelectual, uma pronunciada tendência de aproximação para as classes operárias.

Pois bem, para que essas boas intenções possam frutificar e para que o operariado venha a ter alguma vantagem efectiva no que às vezes não passa de puro platonismo sentimental, o que é preciso? Que de facto essa aproximação se estabeleça.

Ora o operariado tem os seus métodos próprios — a organização sindical. Os intelectuais para cooperarem connosco não têm senão um caminho: sindicarem-se e aderirem à nossa organização.

Segundo a tendência manifestada no Congresso operário da Covilhã o operariado, reconhecendo as dificuldades de ligação sindical de certas classes onde domina um certo espírito reaccionário, está na disposição — no próximo Congresso se tomará certamente sobre este assunto uma resolução definitiva — de aceitar a adesão de núcleos de intelectuais, por profissões, para assim poder estabelecer a ligação com esses elementos que o queiram acompanhar na sua obra de emancipação social.

Porque não há-de haver, por exemplo, engenheiros na C. G. T.? Com o seu contacto o operariado manual lucraria imenso e esses elementos intelectuais alguma coisa aproveitariam em conhecer mais de perto as possibilidades, as energias latentes, as faculdades produtivas da massa, qualidades essas que um dia, quando o capitalismo desaparecer, hão-de dar socialmente toda a sua utilidade.

E como não há-de haver no dia seguinte ao da revolução que intelectuais e manuais se hão-de juntar para, dispensando os patrões, entrarem a tomar conta da produção, conveniente seria que desde já uns e outros pensassem numa maneira prática e rápida de se organizarem, de se porem em contacto.

O CONFLITO MINEIRO

O governo inglês, prevendo as graves consequências que dele podem resultar, procura evitá-lo

É fact o constatado que a burguesia internacional de há tempos vem preparando um ignominioso plano contra os direitos dos que trabalham, o qual já teve as suas duas primeiras realizações na ofensiva tentada contra o horário e salários dos operários das minas, e no pacto de garantia contra a Rússia revolucionária, falsamente representado pelo governo bolchevique.

Segundo declarou Herbert Smith, presidente da Federação Nacional dos Mineiros Ingleses, o ataque, embora iniciado pelos proprietários das minas inglesas, era para ser seguido na França, na Bélgica, na Alemanha e na América.

Mas, em face da disposição de lutar manifestada pelos mineiros ingleses, da certeza de que os mineiros franceses, belgas e mesmo alemães os acompanharia na luta, e atendendo à constituição da aliança inter-sindical na Inglaterra, o governo conservador de Baldwin encheu-se de pavor, ao prever as consequências que deste movimento podiam advir para aqueles que criamose o estão provocando.

E então para o evitar deu um primeiro passo no caminho da nacionalização, pois que a sua resolução de conceder aos proprietários das minas um subsídio, para que não reduzam os salários, significa parar o público que estes são incapazes de fazer face às necessidades da sua indústria sem o auxílio do Estado, e, portanto, impõe-o a explorar essas empresas por conta própria.

Assim um projeto que pertencia ao programa do partido trabalhista vai ser posto em prática, se as circunstâncias o obrigarem, pelo governo conservador que derrubou o ministro Mac Donald, comprovando, de resto, modo, que não há governos reacionários, nem liberais, porque eles são só aquilo que as massas os obrigam a ser.

O conflito mineiro que está para estalar na África também tem amedrontado um pouco as autoridades, tendo o presidente pela primeira vez na história, intervindo na questão, embora não haja esperanças de que a resolva de forma a satisfazer qualquer das partes em litígio.

A reacção encolherá, sem dúvida, agora um pouco as garras, mas se o povo não se mautiver vigilante, ela tentará outros golpes.

Tudo isto demonstra somente que houve

Notas & Comentários

Passamos bem e recomendamo-nos...

A imprensa burguesa anda agora muito preocupada com as questões internas da C. G. T. E como não as conhecem minuciosamente, limitam-se a apanhá-las pela rama. Dum mosquito fazem um elefante e como o seu desejo, o seu ódio ao operariado é mil vezes maior do que os perigos que nos ameaçam, chegam a conclusões fulminantes. Houve jornais que deram a Confederação como moribunda, outros encontraram «militantes anônimos» que lhes revelaram «outras estupendas...». Chegou-se a afirmar que a C. G. T. se dissolveria por si mesma. Achamos divertidas, curiosas estas versões e não cometemos a indelicadeza de discordar das opiniões amáveis de quem demonstra querer-nos tanto bem... Experimentamos a mesma sensação do homem robusto que escuta tranquillamente os argumentos dum mau amigo que pretende a viva força convencê-lo de que está à beira do tâmbor.

Estamos bem, muito obrigado...

Processos jesuíticos

O conselho jurídico da Confederação Geral do Trabalho, acompanhado do dr. Soárez de Campos, avistou-se anteontem com o presidente do ministério reclamando-o o regresso imediato à metrópole de todos os deportados sem julgamento. O Século noticiava isto ontem com a máxima correção. Mas... punha-lhe o seguinte cabeçalho no intuito deprimente e ofensivo de deixar no público a impressão de que reclamávamos proteção para os «legionários»: A obra da Legião Vermelha — A C. G. T. interessa-se junto do governo pela situação dos presos da terrível seita.

Irra que são jesuítas!

Ainda há retórica!

O sr. Teixeira Gomes é uma criatura de apurado gosto artístico e literário. Por isso deve sofrer muitas contrariedades, como as sofrer todas as pessoas nas suas condições mentais. Ouvir a pé firme e de protocolar sorriso nos lábios um pessímo discurso, escutar maus versos ou ler uma horrível mensagem deve ser para ele uma tortura. Servido por uma cultura moderna deve odiar a retórica, há muito posta de parte pelas criaturas desempoderadas. Calculamos, portanto, que horrível sensação lhe teria causado a leitura daquela mensagem do Porto que, num turbilhão de palavras sonoras e de citações históricas e poéticas, pretendia, ao que parece, pedir-lhe que não renunciassses ao seu alto cargo.

Quem sabe se a esta hora o sr. Teixeira Gomes não terá renunciado de vez à lermessagens pomposas — retirando-se transilíquamente para lugar onde possa escolher livremente as suas leituras preferidas.

Uma boa experiência

Um telegrama da «Lusitânia» acaba de nos informar de que o sr. Runcinian e outros deputados ingleses vão descer aos portos das minas do norte de Inglaterra e extrair os próprios carvão. Trata-se duma experiência: saber quais as condições da mão de obra nas minas. Há em Portugal tantos deputados que deviam fazer experiência semelhante!

UMA MANOBR TORPE

Um professor do liceu de Castelo Branco demitido por acidente

No Liceu Central desta cidade cometeu-se uma iniquidade contra um professor que revela bem os processos jesuíticos dos reaccionários que nele pontificam.

O sr. José Cardoso, a vítima, que é um homem de ideias desempoderadas e que a ninguém oculta as suas predileções políticas ocupava há 10 anos no referido estabelecimento o lugar de professor provisório do grupo de Inglês, lecionando também Geografia e História, sem que o seu comportamento e assiduidade merecessem reparos dos seus superiores hierárquicos.

Os fins do passado ano lectivo foi o sr. José Cardoso intimado a comparecer perante o reitor, João Matilde Xavier Lobo o qual, começando jesiticamente por encarcerar-lhe as suas qualidades de inteligência e persistência, o acusou de lecionar alunos do liceu como professor de ensino livre que é, o que ia de encontro aos regulamentos, e terminou inopinadamente por apresentar-lhe dois dilemas: ou exonerar-se voluntariamente alegando doença, ou então faria reunir o Conselho Escolar para tratar do assunto.

O professor José Cardoso declarou ao reitor que terminado o seu contrato em Julho, apenas lecionava 3 alunos que se estavam preparando para os exames de Outubro, e que não constituía qualquer crime, tirar dificuldades aos alunos sobre matérias que eles não exigiu espaço das aulas não têm tempo de assimilar convenientemente. E de resto, se os professores dos ensinos primário e superior podiam lecionar alunos dos seus cursos, ele julgava que se fizesse o mesmo no ensino secundário, tanto mais que isso já é um princípio estabelecido.

Conveniente adverir que o sr. José Cardoso durante 3 anos tirou diuidas na cadeira de matemática a um filho do dr. Elio Cardoso ex-reitor e actualmente professor do referido Liceu e isto a instâncias deste senhor.

Quanto ao pedido de demissão, declarou que o não faria, porque não queria usar da mentira e muito especialmente porque não julgava ter cometido qualquer acto que desse razão a esse pedido.

O Conselho Escolar, presidido pelo reaccionário J. Matilde Xavier Lobo, reuniu-secretamente e sem que o sr. José Cardoso assistisse e lhe fosse concedido o direito de defesa, resolveu demiti-lo, o que foi confirmado no Diário do Governo.

Tudo isto demonstra somente que houve

O CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGAL encerrou ontem os seus trabalhos

Foi resolvido aguardar oportunidade para efectivar a adesão à C. G. T. — As sessões ontem realizadas decorreram com grande brilho e elevação

integrados no movimento operário das nações a que pertencem.

Aurelio Quintanilha requer que seja dada palavra a representante da C. G. T. E aprovado por unanimidade.

Manuel Joaquim de Sousa começa por saudar o congresso em nome da C. G. T. Como recordava a circunstância de Emilio Costa colaborar no jornal que está tentando scindir a organização operária, trave-se entre ele e Emilio Costa um diálogo bastante animado, mas cheio de correção.

O orador, prosseguindo, recorda que o Congresso da Covilhã se ocupou da obra de educação e que ao Congresso de Santa-rém vai ser presente uma tese sobre o mesmo assunto.

A C. G. T. pretende eriar um secretariado de Educação, mas fica dissidente imbuída a A. P. P. a ela não aderir. Alude ainda à colaboração dispensada à formação da Liga de Acção Educativa e esclarece que só em número restrito os sindicatos operários que se afastaram da C. G. T.

A principal função da A. P. P., dentro da C. G. T., seria a de realizar dentro da organização operária uma obra educativa.

Manuel da Silva acha prematura a adesão à C. G. T., entendendo também que ela acarretaria à A. P. P., grandes embarracos de ordem nacional e internacional. Apresenta uma moção sintetizando as opiniões que expõe.

Aurélio Quintanilha afirma que nas sociedades modernas existem duas classes antagonicas: a do proletariado e a dos detentores do poder económico e do poder político.

De que lado se encontram os professores? Evidentemente que estão do lado dos trabalhadores. A A. P. P. não tem, a esse respeito, a menor hesitação.

Referindo-se à C. G. T. acentua que esta assenta em dois princípios fundamentais: a ação directa e a luta de classes. A ação directa é violenta quando as circunstâncias o exigem. A C. G. T. aceita a luta de classes que lhe é imposta pelas condições que se afastaram da C. G. T.

Entrou em discussão as «Relações Sindicais Nacionais». Almeida Costa afirma que a A. P. P. é essencialmente sindicalista e tem vivido sempre nas melhores relações com os palavrões «burguesia endinheirada» por «classes dominadoras».

António de Moura apresenta a seguinte moção que é aprovada por unanimidade:

«O Congresso da A. P. P. reconhece ser a instrução primária integral direito indiscretivo de todos os indivíduos, reclama do Estado as precisas diligências no sentido de tornar realidade esse direito.»

Entrou em discussão as «Relações Sindicais Nacionais». Almeida Costa afirma que a A. P. P. é essencialmente sindicalista e tem vivido sempre nas melhores relações com os palavrões «burguesia endinheirada» por «classes dominadoras».

Entrou em discussão a tese da C. G. T. acerca de que não é esta a ocasião em que alguns congressistas fizeram a sua tese e referindo-se ao aditamento de D. Deolindo Lopes Vieira declara que não definiu os princípios em que assenta a Escola Unica por estar convencido serem conhecidos de todos. O que importava saber era o meio pedagógico de a pôr em prática. O orador espreia-se em largas considerações tendentes a esboçar algumas objecções que alguns congressistas fizeram à sua tese.

Passa-se em seguida à votação das conclusões da tese que são aprovadas com ligeiras alterações. E' aprovado também o aditamento de D. Deolindo Lopes Vieira.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

«O Congresso da A. P. P. reconhece ser a instrução primária integral direito indiscretivo de todos os indivíduos, reclama do Estado as precisas diligências no sentido de tornar realidade esse direito.»

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

Entrou em discussão a tese da Covilhã que é aprovada por unanimidade.

O açoque do Riff

Depois mais uma vítima do militarismo espanhol — Arrogância para os soldados, cobardia ante os mouros

A ânsia de todo o estrangeiro que a Espanha, com deslumbrantes promessas, atira brutalmente para a torturante vida do «Tercio», é fugir aos múltiplos martírios dessa vida de condenados.

Mais um português, fugido de Marrocos, nos vem referir o ludibriu em que caiu. Chama-se Carlos Ferreira, tem 20 anos de idade, e é natural de Venda do Pinheiro, cerca de Maia, onde deixou família, à qual procura reuir-se.

— Como foi alistado no «Tercio»? — pre-guntámos.

— Fui contratado para trabalhar, ao serviço da Espanha, em Marrocos, durante quatro anos, como servente de pedreiro.

— Há quanto tempo?

— Foi em Maio do ano passado. A falta de trabalho levou-me até Elvas. Aqui, um espanhol, que a princípio julguei ser português, porque falava correctamente a nossa língua, engajou-me para trabalhar. Acompanhou-me a Badajoz, onde, num quartel, me deram um contrato a assinar.

— Militarizaram-no em Badajoz?

— Não! conduziram-me a Ceuta, onde me submeteram a uma inspecção. Aqui comecei a desconfiar.

Depois de inspecionado deram-me uma farda, que eu quis reusar. Ameaçaram-me com espantamentos, dizendo-me que tinha de seguir-me como os outros, pois em território espanhol, estava sujeito à legislação espanhola. Para não sofrer as violências com que me ameaçaram resignei-me.</p

CARTA DE COIMBRA

O eterno problema da falta de água

COIMBRA, 7.—Há dias esta cidade assistiu a mais um incêndio—violento e fúnebre que poe em sério risco uns prédios contíguos ao incendiado.

E, como de costume, houve falta de água—motivo por que muita gente espavoridamente gritava por socorro, dando ao mesmo tempo «abaixos» à câmara, pois a falta desse benéfico líquido é certamente ser a desgraça de algumas dezenas de pessoas.

Calculem os leitores, o incêndio foi numa alquilaria situada na Avenida Navarro, a uns 15 metros do Rio Mondego. E, oh irrisão, houve falta de água!

Bem sabemos que não é com a água do rio que se pode contar. Mas exactamente por isso é que as nossas palavras são de protesto, ou por outra, de ataque, aqueles que nestas coisas superintendem—a saber a câmara municipal, pelo vereador do respectivo pelourinho, salvo erro o sr. Plácido Valente (o célebre Barão da Sota, já conhecido dos leitores de *A Batalha*).

Porque o caso é este: de há um tempo a esta parte, sempre que a fatalidade provocava um incêndio, é sabido que a falta de água é notória—contribuindo isso, claro, para um maior desastre, pois é impossível fazer salvados.

O que tem valido, felizmente, tem sido o auto-bomba dos voluntários que posto a trabalhar ora no lago do Parque de Santa Cruz, ora junto ao Rio Mondego, com sua potente força conseguem transportar água ao local do sinistro, debelando-o. Porem este não pode trabalhar em qualquer sitio da cidade, porque não tem onde deixar seus «absorvós» para a água jorrar com abundância.

Há, certo, as bocas de incêndio, serviço que é proprietário a câmara cá de bairo. Ei! Mas que? os leitores julgam que elas devem água? Puro engano. Um simples «repuxo» que parece o estôrno de qualquer bêbado a mijar brincando e que não atinge além dum metro!...

E' interessante, não é verdade? De acordo. Porém, a cidade é que não pode estar sujeita as «plácidas» maneiras de vés e vés dos camarões, continuando sujeita a qualquer desastre com consequências muito lamentáveis. Este estado de coisas já se arrasta há muito tempo e é conveniente que para ele se olhe de frente.

Neste último incêndio, já o povo começou protestando em alta grita, invectivando a câmara municipal pelo que estamos descrevendo—e daí a algum tempo, os seus protestos serão possivelmente mais fortes e talvez violentos.

A. F.

Os mantenedores da ordem

Soldados da G. H. R. que violentam, agride e roubam uma servil

Na noite de 31 do passado mês, cerca das 21 horas, passou-se em Sintra um caso grave.

Dois soldados da G. H. R. que andavam de ronda, Robalo Francisco Martins, guarda n.º 296, e Rui Posatudo, n.º 72, encotaram na rua de Santa Maria, uma criadagem proprietário da localidade chamado Andrade, e, lançando-se sobre ela, agararam-na, esforçando-se por cevar nela, com a bestialidade inerente aos mantenedores da ordem, os seus animalescos desejos sexuais.

Como a rapariga gritasse por socorro, taparam-lhe a boca com um lenço, dando-lhe com a coroa da espingarda, deixando-lhe o corpo coberto de equinos.

Depois de a agredirem tão barbaramente, e, tendo-a dominado, satisfeziram os seus instintos de besta, roubando-lhe ainda os brincos que levava e mais 35\$00.

Polícias brigões

Também no restaurante de Manuel da Neto estiveram cinco polícias da Segurança do Estado a fazer demonstrações da sua alta educação cívica.

Tendo-se sentado a tomar cerveja, entreveram-se a guardar os copos no bôlo e a provocar os fregueses, desencadeando um desorden tal que o dono da casa se viu obrigado a encerrar o estabelecimento.

Na rua começaram aos tiros. O capitão-aviador sr. Beja, que passava no momento deu-lhes voz de prisão conduzindo-os para a esquadra de Sintra.

E a gente desta, ruições, criaturas sem escrúpulos, sem a mais leve noção do que seja a dignidade, sem o menor respeito pelos outros e por si próprios que está entre a manutenção da ordem pública!

A terra trema

Casas desmoronadas e 15 soterrados

NEW-YORK, 8.—Dizem de Manica ter-se sentido naquela cidade um violento tremer de terra, que destruiu completamente seis edifícios, em cujos escombros ficaram 15 pessoas sepultadas.

Casas do México e Guerrero

MEXICO, 8.—Esta cidade e a de Guerrero foram atingidas violentamente sacudidas por um abalo sísmico.

O pânico apoderou-se da população que, todavia, haja desastres e prejuízos importantes a registar.

No Mediterrâneo

Faenza, 8.—O scismógrafo desta cidade registrou um violento abalo sísmico na zona oriental do Mediterrâneo.

Trotzky fala aos delegados alemães

MOSCOWIA, 8.—O comissário do comércio, Trotzky, recebendo uma delegação de operários alemães, expôs as condições de trabalho na Rússia e demonstrou a importância das concessões feitas a 22 empresas alemãs, 17 inglesas, 8 americanas e 43 de outros países.

O KU-KLUX-KLAN

vai fazer um cortejo de 50.000 pessoas

WASHINGTON, 8.—Está marcado para amanhã um longo cortejo nesta cidade no qual tomarão parte 50.000 filiados na célebre associação secreta «Ku-Klux-Klan», para o que foram organizados vários comitês especiais que transportarão à capital os membros residentes noutras cidades.

Temem-se grandes desordens, pelo que as autoridades tomaram grandes medidas de segurança.

LIVROS E AUTORES

MALDITA SEJA A GUERRA—por Ribeiro de Carvalho

O sr. Ribeiro de Carvalho, o poeta que a «Dolores» celebrizou e que a política demasiadamente absurda, acaba de publicar um livro de combate, caracteristicamente anti-militarista, intitulado «Maldita seja a guerra».

Basado em velhos moldes românticos, o novo livro do sr. Ribeiro de Carvalho reporta-se à grande guerra e dos escombros desta recolhe, piedosamente, as mutiladas figuras, retábulos ensanguentados, de feridos e dôr, onde a humanidade vai esfolhar flores de saudade, onde a sociedade capitalista e burguesa deveria petrificar-se de joelhos, se na sua consciência coubesse uma migalha de remorso.

Calcular os leitores, o incêndio foi numa alquilaria situada na Avenida Navarro, a uns 15 metros do Rio Mondego. E, oh irrisão, houve falta de água!

Bem sabemos que não é com a água do rio que se pode contar. Mas exactamente por isso é que as nossas palavras são de protesto, ou por outra, de ataque, aqueles que nestas coisas superintendem—a saber a câmara municipal, pelo vereador do respectivo pelourinho, salvo erro o sr. Plácido Valente (o célebre Barão da Sota, já conhecido dos leitores de *A Batalha*).

Porque o caso é este: de há um tempo a esta parte, sempre que a fatalidade provocava um incêndio, é sabido que a falta de água é notória—contribuindo isso, claro, para um maior desastre, pois é impossível fazer salvados.

O que tem valido, felizmente, tem sido o auto-bomba dos voluntários que posto a trabalhar ora no lago do Parque de Santa Cruz, ora junto ao Rio Mondego, com sua potente força conseguem transportar água ao local do sinistro, debelando-o. Porem este não pode trabalhar em qualquer sitio da cidade, porque não tem onde deixar seus «absorvós» para a água jorrar com abundância.

Há, certo, as bocas de incêndio, serviço que é proprietário a câmara cá de bairo. Ei! Mas que? os leitores julgam que elas devem água? Puro engano. Um simples «repuxo» que parece o estôrno de qualquer bêbado a mijar brincando e que não atinge além dum metro!...

E' interessante, não é verdade? De acordo. Porém, a cidade é que não pode estar sujeita as «plácidas» maneiras de vés e vés dos camarões, continuando sujeita a qualquer desastre com consequências muito lamentáveis. Este estado de coisas já se arrasta há muito tempo e é conveniente que para ele se olhe de frente.

Neste último incêndio, já o povo começou protestando em alta grita, invectivando a câmara municipal pelo que estamos descrevendo—e daí a algum tempo, os seus protestos serão possivelmente mais fortes e talvez violentos.

A. F.

Todos os trechos saliente «O homem sem nariz», tela impressionante e macabra dum mutilado, feita um pouco à maneira dos escritores do Norte, e composta com mestria... «Um braço a menos», também é pungente ironia, feita de soluços e sarcasmos. «Voz religiosa e doce...», um lindo motivo sobre a noite de Natal nas trinchadas, é a melancólica reminiscência da entrada do «Calvário» de Mirbeau traçada com ternura.

Todos os livros de combate e idealismo são úteis. Simplesmente, quando se é deputado e jornalista, como o sr. Ribeiro de Carvalho, depois de se escreverem páginas dessas não se pode, nem se deve ficar por ai. Está bem que se condene a guerra. Mas não basta.

A sociedade oligárquica e meramente especuladora que a guerra desenvolveu e criou não pode ser poupadá, porque é o eterno perigo.

Ái tem o sr. Ribeiro de Carvalho mais um belo assunto literário, para magníficas páginas de revolta.

A edição, apresentável, é da «Lumen».

O PROBLEMA SEXUAL NO MEIO ACADÉMICO—por William Edward Clode

Para teste do seu doutoramento escreveu o sr. William Clode, um português de família inglesa, uma obra notável intitulada «O Problema Sexual no meio Académico», livro de carácter médico, onde os problemas sexuais são tratados com a maior delicadeza e proficiência.

Apoiado nos melhores autores que têm versado a matéria, o autor analisa as diversas causas da prostituição e perversões sexuais, colocando vários aspectos ante o meio académico que, especialmente, estudou, «é tirando ilações de aplicação, geral, de grande proveito para a sociedade.

Alude ao termo da guerra e constituição da Sociedade das Nações em que os países pequenos, como antes, ficaram sob a suzerania dos grandes países, e demonstra como essa Sociedade tem consigo o germe de novas sangueiros, visto que a liberdade dos povos, tão apregoados, se traduz na guerra feita aos mouros pela França e Espanha, pela luta do capitalismo internacional coligado contra os direitos do proletariado chinês e ainda pela forma como os decantados desarmamentos se traduzem numa actividade cruciante dos arsenais e na construção de muitos vasos de guerra.

Afirmou ser uma afronta aos povos sacrificados essa «laracha» internacional das suas causas da prostituição e perversões sexuais, colocando vários aspectos ante o meio académico que, especialmente, estudou, «é tirando ilações de aplicação, geral, de grande proveito para a sociedade.

Duma maneira geral, o sr. Eduardo Clode preconiza uma cuidada observação a todos os indivíduos, observação delicada, que deve vir desde a idade escolar, para se lhe aplicarem todos os possíveis meios de cura, como educação moral e intelectual, cultura física, cuidado alimentação, banhos frios, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O livro do sr. William Edward Clode é um notável trabalho, tanto pela cuidada forma como foi organizado, como pelo alto fim humanitário que visa.

A edição, bastante cuidada, foi impressa na Imprensa Académica de Coimbra.

O MUNDO DEPOIS DA GUERRA—por Luis Svalbaque

Já vai elevado o número de livros que a guerra produziu, e não se enganem os que previram que o grande cataclismo mundial seria inegociável pretexto para obras de literatura, sociologia e arte.

Para juntar à nossa já extensa bibliografia sóbria a guerra, temos agora mais uma obra, do sr. Luis Svalbaque, intitulada «O mundo depois da guerra». Trata-se dumas séries de estudos e impressões em que o autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O livro do sr. William Edward Clode é um notável trabalho, tanto pela cuidada forma como foi organizado, como pelo alto fim humanitário que visa.

A edição, bastante cuidada, foi impressa na Imprensa Académica de Coimbra.

O MUNDO DEPOIS DA GUERRA—por Luis Svalbaque

Já vai elevado o número de livros que a guerra produziu, e não se enganem os que previram que o grande cataclismo mundial seria inegociável pretexto para obras de literatura, sociologia e arte.

Para juntar à nossa já extensa bibliografia sóbria a guerra, temos agora mais uma obra, do sr. Luis Svalbaque, intitulada «O mundo depois da guerra». Trata-se dumas séries de estudos e impressões em que o autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

O autor analisa, especialmente, as perturbações de ordem económica e social que o mundo está sofrendo, devido à guerra, enfim todos os cuidados domésticos e medicinais que possam influir na eliminação das causas mórbidas que tanto pesam na sociedade contemporânea.

A BATALHA

Sociedades de recreio

Sociedade Recreio Operário «A PORTUGAL»—Realiza hoje um desafio de futebol entre a 1.ª categoria do Campo Sport Club das Avenidas, sendo a vencedora a que derrotar o seu adversário.

O desafio é de 10 horas, com o resultado a ser divulgado no dia seguinte.

O desafio é de 10 horas, com o resultado a ser divulgado no dia seguinte.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE AGOSTO

1.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 5,45	
Q.	13	20	27	Desaparece às 19,39	
S.	14	21	28	FASES DA LUA	
S.	15	22	29	L. C. dia 4 às 11,50	
S.	16	23	30	Q. M. 11 9,12	
S.	17	24	31	L.N. 19 13,15	
D.	10	17	24	Q.C. 27 4,40	

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,22 e às 6,43

Baixamar às 11,52 e às ...

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	97\$00	97\$25
Madrid cheque...	2890	
Paris, cheque...	895	
Suíça...	3890	
Bruxelas cheque	91	
New-York, "	20805	
Amsterdão	8507	
Itália, cheque...	73	
Brasil, "	2540	
Praga, "	660	
Suécia, cheque...	5540	
Austria, cheque...	2582	
Berlim, "	4782	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Dolittlema—A's 21—O Leão da Estrela.

Nipolo—A's 21,30—O moleiro de Alcalá.

Trindade—A's 21,30—Ditosa Pátria.

Eben—A's 21,30—A cidade onde a gente se abor-

rece.

Mário Vitorino—A's 20,30 e 22,30—Rataplan.

Casino de S. Mita—A's 21,30—Concerto pelo te-

atro Lepreterie.

Juvenal—A's 21,30—irmãos e A. Cládas.

Sócio Sop—A's 20,30—Variedades.

I. Vicente (à Graciosa)—A's 20—Animatógrafo.

Mendini Parque—Todas as noites—Concertos e il-

versões.

CINEMAS

Olimpia—Chico Terceiro—Salão Central—Cinema

Côdes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade P. R.

motor de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es-

perança—Chantecler—Lírios—Tortoise.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Caldaria do Combro, 38-A, 2.º

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas das e molas, tubos, chaminés de ferro, lâmpadas. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 65 e quiosque.

D. Engenheiros e Francisco Pereira Lata.

E' a casa que fornece em melhores condições.

OFICINA FOTOMECHANICA

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 5000
Sapatos em verniz... 3800
Bóis pretas (grande saido)... 4800
Bóis brancos (salão)... 2800
Grande saido de bóis pretas... 4800
Bóis de cor para homens... 4000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Vê bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua das Calvário, 16 com Filial na mesma rua, n.º 82.

16-20

18-24

20-24

22-24

24-26

26-28

28-30

30-32

32-34

34-36

36-38

38-40

40-42

42-44

44-46

46-48

48-50

50-52

52-54

54-56

56-58

58-60

60-62

62-64

64-66

66-68

68-70

70-72

72-74

74-76

76-78

78-80

80-82

82-84

84-86

86-88

88-90

90-92

92-94

94-96

96-98

98-100

100-102

102-104

104-106

106-108

108-110

110-112

112-114

114-116

116-118

118-120

120-122

122-124

124-126

126-128

128-130

130-132

132-134

134-136

136-138

138-140

140-142

142-144

144-146

146-148

148-150

150-152

152-154

154-156

156-158

158-160

160-162

162-164

164-166

166-170

170-174

174-178

178-182

182-186

186-190

190-194

198-202

202-206

206-210

210-214

214-218

218-222

222-226

226-230

230-234

234-238

238-242

242-246

246-250

250-254

254-258

258-262

262-266

266-270

270-274

274-278

278-282

282-286

286-290

290-294

294-298

298-302

302-306

306-310

310-314

314-318

318-322

322-326

326-330

330-334

334-338

338-342

342-346

346-350

350-354

A BATALHA

FUNCIONALISMO PÚBLICO

Tem direito a viver melhor embora o sr. Rodrigues Gaspar apenas se tivesse lembrado do funcionalismo militar

O "velho democrata" e "indefectível" republicano Rodrigues Gaspar, com aquela autoridade que todos lhe conhecem e lhe provêm do seu grande amor aos principios, senão aos defendidos e preconizados por António José de Almeida ou Magalhães Lima, pelo menos aos adoptados por João Franco e usados pelos Makavencos, usando da palavra quando da apresentação do governo em São Bento, além dos cumprimentos do estilo em nome dumha maioria em tudo bem digna de ser representada por um tão digno "estilo" desta república, chama a atenção do governo para a pessima e miserável situação em que vivem os oficiais do exército.

Além de outras, fez o "intemperato" republicano a interessante afirmação de que era necessário e urgente dar aos oficiais do exército, aquele "soldo necessário" para que viverem com a independência precisa, para não terem de se inibir no desempenho de outras funções, que embora nobres e decentes, de forma alguma podem contribuir para lhes criar aquela situação e respeito que aureola lá fora o oficial estrangeiro.

Falou ainda s. ex.ª da miséria dourada que aqueles atravessam, miséria tão grande e tão repugnante que chega a impedir que seus filhos se ediquem, pois que, ou não têm que vestir ou não têm que calçar. Poucas vezes estamos tão de acordo com um político como presentemente com o sr. Rodrigues Gaspar, pois, a pesar de em nada concordar com a manutenção do exército permanente num país pobre como Portugal — ou sequer nos ricos — ou com essa fábrica de falar oficiais que é a escola do exército, nem por isso deixo de concordar que aqueles que af existem, muito embora pudessem desempenhar uma missão mais útil e proveitosa para a humanidade, necessitam e carecem que o Estado lhes conceda o suficiente para viverem e se manterem.

O reparo único que fazemos ao discurso do antigo presidente do Ministério, visa apenas o facto de ele julgar que a miséria que o Estado distribui em larga escala é apenas exclusiva do funcionalismo fardado, quando é certo, que ele de maneira alguma pode ou deve ignorar pela sua alta posição na política portuguesa, que essa miséria tem uma洁escidate que apavora, enreda tudo e a todos se estende. Apenas, uma classe da estatá isenta — e essa é... a classe dos tubarões — que vivendo uma vida de verdadeiros nababos pelos altos ordenados e choradas cooparticipações que têm, ape-ram aparem nas repartições, para afrontar e ofender a miséria dos outros.

A miséria agora apregoadas no Parlamento e focada com mão de mestre, de hamento assentos arraial tanto na casa de que aquele que manejando uma arma impõe a força e aguenta governos, como no tuguriu daquele que empunha uma pena, dita o direito e salva ministros. Se uns, pela pobreza do seu sólido não enviam os seus filhos à escola e lhes faltam com a educação, outros os mandam rotos e esfomeados, ou então, os lançam à ria na mais perigosa e triste companhia.

E' facto que uns se impõem ao critério dos políticos pela força que manejam sempre que eles devem necessitar e outros se não impõem nem pela unidade, mas no entanto, entre uns e outros, creio que pouco haverá que diferir, uma vez que enquanto os primeiros têm o papel de impôr o respeito pelo Estado capitalista, já de si um pouco decadente, os segundos têm de fabricar os baios de oxigénio — leis e decretos — com que lhe vão alimentando a vida.

De há muito que a propósito do mais simples ou complicado motivo, se faz tábua rasa do funcionalismo, chegando até na febre verdadeiramente contagiosa que mina os homens do poder, a fazer esquecer a missão, utilitária e benéfica que uma parte delas desempenha; missão tanto mais nobre e necessária quanto mais avançado for o aperfeiçoamento da sociedade, mas, no entanto, cumpre confessar, que dessa defeita a todos os títulos prejudicial, se não deve culpar os homens que os caprichos da política ou, acasos de momento, colocaram nas cadeiras ministeriais.

O funcionalismo mais do que nitigém é culpado, pois que é, que pouco ou nenhuma cuidado parece liga à sua profissão, é o único a preparar o terreno em que os outros o vêm desfrutar. Se o funcionalismo, por momentos — sequer, esquecesse aquela a quem por uma errónea interpretação julga estar enfreado e deles se emancipasse, de certo assistíramos ao benéfico fenômeno de ver, e com uma vertiginosidade interessante, desaparecer, com parte dos seus males, o mal de que o Estado enferma e a competência e interesse de muito "boa gente". E' certo que uma razoável parte do funcionalismo deve o cargo público ao favor do político que o nomeou com manifesto atropelo de todos os preceitos legais e justos; mas, nem por tal deve permanecer amarrado a esse favor, uma vez que a existência do político só é possível por esse errado critério e se não deixe o funcionalismo de lhe dar o seu voto e de lhe proteger as pretensões nas repartições públicas, se querer ver como a sua duração não vai além das rosas de Mahehera.

Não é nem seria admissível de ânimo leve esta afirmação, pois a prová-lo está o facto de em quanto há pouco os políticos, num espetáculo verdadeiramente degradante, que nos revoltaria se tudo não esperassemos já, se alheavam numa inconsciência que provoca, dos mais supremos interesses da nacionalidade, para só cuidarem nos seus mais do que nunca em perigo iminente, os destinos do país e a vida de Portugal, corriam também como se o mais hábil dos estadistas o administrasse ou o mais capaz dos governos o governasse.

A existência do funcionalismo civil, desse funcionalismo que só logra ser notado quando se agita ou em ocasião eleitoral, de há muito que se teria afirmado como real, se é um num congresso corporativo delineasse claramente aquilo que julga necessário aos seus interesses e aos interesses dos "comunitários", pois que ninguém melhor e com mais autoridade do que ele o deve e pode fazer e de mais o sabe o funcionalismo, que neste momento, como nos momentos que tem visto passar pela sua frente

Aos Sindicatos Marítimos

NOTA OFICIAL

O Comité Confederal, em virtude da Federação dos Trabalhadores Marítimos ter resolvido suspender as suas relações com a Confederação Geral do Trabalho e por esse motivo não requisitar expediente para cobranças, convida todos os sindicatos marítimos que não concordem com tão insólita atitude a requisitarem directamente ao Comité Confederal os selos-cotas e mais expediente de que necessitem.

O COMITÉ CONFEDERAL

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Corticeiros do Belém

Voltaram novamente a reunir os operários corticeiros desta área, para apreciarem o caso do industrial Eusebio, que pretende baixar 10%, nos salários aos seus operários os quais se recusaram a aceitar tal baixa, resolvendo o dito industrial paralisar a fabricação por enquanto. Quanto aos industriais Vargas & Alvarez já resolvem pagar os mesmos preços que os seus colegas da área que a assembleia registou.

A assembleia verberou asperamente que agora pretendam exercer represálias nalguns camaradas que já lá trabalham e que residem aqui. De entre esses camaradas há um que não tem trabalho, e deles, uma casa de família a sustentar já por diversas vezes tem pedido trabalho a esses senhores, recebendo resposta negativa.

Em face disto a assembleia geral reuniu expressamente para tratar desse assunto, resolvendo obstar por todas as formas a que querquer camarada vá para lá trabalhar, enquanto o dito industrial não se resolver a admitir o operário que lá trabalhou.

A direcção desse sindicato mais uma vez apela para a solidariedade dos camaradas corticeiros que não devem ir para lá trabalhar enquanto este assunto não esteja resolvido, e bem assim que hoje nas fábricas se tirem quetes de auxílio para os operários da casa Eusebio.

Operários das obras do Estado

Na reunião efectuada ontem no S. U. C. Civil, o delegado desse organismo expôs a todos os licenciados as "démarches" realizadas para a sua readmissão, pedindo que, havendo embaraço na entrada de qualquer operário, o mesmo se dirija amanhã, às 12 horas, ao sindicato para os delegados tratem o caso.

Os presentes foram convidados a apresentarem-se nas suas secções a fim de os enviarem às obras respectivas, devendo todos fazê-lo imediatamente a fim de não serem excluídos.

Obras da Maternidade

O delegado da Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil juntamente com o secretário do Conselho Técnico do mesmo organismo, vão amanhã, pelas 10 horas, tratar da reabertura dos trabalhos e admissão de operários.

INTERESSES DE CLASSE

Na obra do Gimnásio

Um despedimento injustificado

Já por várias vezes têm aqui sido referidos atropelos ao horário de trabalho na obra do Teatro Gimnásio. Agora outro facto se dá, atentatório dos interesses dos operários da indústria e o despedimento de alguns pedreiros, que têm sido substituídos pelos serventes José de Aguiar, José Dias e José Marques.

A boa técnica da construção, e portanto o interesse do proprietário e o próprio crédito do mestre de obras, deveriam ser motivos suficientes a não se cometer o erro desse senhor despedindo há duas semanas alguns profissionais que agora estão sendo lesados nos seus interesses.

Como se compreende, que se tivessem despedido pedreiros, por não terem que fazer, segundo disse o encarregado geral, e se estes estavam metendo a fazer trabalho que a elas compete simples serventes?

Esta atitude do encarregado geral não tem justificação, e, a bem dos interesses da classe, terá de modificar-se.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Continuando incomunicáveis vários operários nas várias esquadras, vai para dois meses, e deportados operários sem julgamento, em Cabo Verde e Guiné, este Secretariado acompanhado pelo dr. Sobral de Campos, avistou-se anteontem com o dr. Domingos Pereira, actual presidente do Ministério e ministro do Interior, tratando desse assunto.

O presidente do ministério disse ser uma causa que o incomoda imenso ver gente cercada de liberdade, mas que, no entanto, havia presos que a C. G. T. não poderia tratar de uma forma geral, ao que lhe respondeu o Secretariado que simplesmente queria as responsabilidades apuradas e que para isso não necessitava o poder judicial de enviar para África tantos indivíduos quando tinha, de sobejos, tribunais em Lisboa, acrescendo a circunstância de se ter feito essas deportações dum forma leviana.

Também a comissão fez sentir ao dr. Domingos Pereira a situação em que se encontram alguns presos que, devido às agressões de que foram vítimas e de que ainda estão em tratamento continuam incomunicáveis.

Este Secretariado previne os operários que se encontram presos, no Governo Civil e esquadras, que o caso de os não ir visitar não representa menos consideração por eles, mas é, devido às horas que a que as mesmas visitas se efectuam, que, por serem de manhã, já por vezes têm sido impreciso esse trabalho em consequência da aglomeração de pessoas da família, e de tarde, como se sabe, não há visita e mesmo a essa hora está o Secretariado tratando das autoridades competentes da situação.

Fica assim esclarecido o assunto, a fim de se evitar uma torpe e falsa especulação que de muito mal se vêm fazendo em volta dos presos. Achamos melhor que todos os esforços convergirem para a libertação dos encarcerados.

Este Secretariado repta quem quer que seja a provar que não tem tratado dos presos com aquele carinho que lhe é peculiar e sem que considere isso um favor.

Que isto fique entendido de uma vez para sempre, para que acabe toda a má fé.

HORARIO DE TRABALHO

Um delegado do governo em Gaia cumpre o desrespeito à lei

GAIA, 6.—Já por várias vezes esclarecemos o procedimento do industrial corticeiro, Cláudio Rodrigues, pois abusa com tudo e de todos, hoje não podemos ficar silenciosos visto que aquele industrial desrespeita o horário de trabalho, com a cumplicidade do delegado do caso.

Já o Sindicato dos Corticeiros se entrevistou com aquela autoridade a fim de, como determina a lei, pôr côbro ao procedimento daquele industrial.

Mas, o que vimos? O delegado do governo enviou uma carta ao industrial autorizando-o a que continuasse a desrespeitar a lei, ou por outra, a que podia obrigar os seus operários a trabalharem 10 horas e meia!

Só fôssemos nós que, num legítimo direito humano, não respeitasssemos uma lei opressora, eramos presos, espâncados, sujeitos a sermos fuzilados como terríveis legionários...

Mas, como Cláudio Rodrigues tem muito dinheiro, pode explorar, tiranizar, vexar, e desrespeitar a lei.

Prometemos não largar isto de mão até que o delegado do governo cumpra o seu dever.—C.

Na Empresa Electro-cerâmica

A Empresa Electro-cerâmica continua a não respeitar o horário de trabalho na secção de vidração, secção onde são explorados o grande número de menores.

As autoridades fazem vista grossa.

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avalado de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidadefar-se-lá um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

SOLIDARIEDADE

Pro-José Filipe

Nas obras do Manicômio Miguel Bombarda foi tirada uma quete a favor de José Filipe a qual rendeu 126\$75.

A secção dos pedreiros realiza no dia 16 de Agosto uma festa de auxílio à mãe de Manuel Ramos.

A comissão da festa convida todos os que a querem auxiliar a comparecerem na sede da secção ou a procurarem o continuo da construção civil.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Setúbal.—Trabalhadores das Fábricas, — Mais uma vez lembramos à solidariedade para Lino Leandro, que se encontra na Penitenciária, devido a um erro judiciário.

Faro.—U. S. O.—Digam o que há sobre o ofício que lhe enviamos sobre um operário aí preso há tempo.

Federações MOBILIARIA

Sindicato de Faro.—Recebemos ofício registado. Segue resposta e recibo.

Sindicato do Porto.—Segue expediente pedido.

Renovação Revista Gráfica

A 1 e 15 de cada mês

Preço exc. 1,50

como em reclamada fita animatográfica republicanos sarapintados de azul e branco, a quem a monarquia não confiou sequer uma simples regedoria, vê esquecer a sua situação e focar situações que muito embora não sejam melhores, também não tanto, não são piores.

Mas como ele sabe... PAULO EMILIO

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Sessão de 6 de Agosto

Foi constituída a mesa por Joaquim de Sousa, Quirino Moreira e Manuel Peres, respectivamente presidente e secretários e também respectivamente delegados da Federação Metalúrgica, U. S. O. de Portimão e Sindicato dos Mineiros de São Domingos.

Representados os seguintes organismos: uniões de sindicatos: Faro, Portimão, Evora, Setúbal, Seixal e Almada; federações de indústria Rural, Ferroviária, Metalúrgica, Construção Civil, Mobiliária, Livro e Jornal, Corticeira e Empregados no Comércio; sindicatos isolados: Mineiros de São Domingos e Téxteis da Covilhã.

Sobre a acta falou Carlos José de Sousa, (Federação do Livro e do Jornal) que esclarece ter afirmado na sessão transacta que se estivesse presente na sessão do Conselho da sua Federação em que foi aprovada a publicação em *A Batalha* dos artigos "Política de Moscova" teria informado o Conselho Federal que eles obedeciam a uma resolução anterior do Conselho Confederal.

Os sindicatos marítimos serão consultados directamente pela C. G. T.

Santos Arranha (U. S. O. de Setúbal) diz ter a impressão de que, neste caso, não foi interpretado o sentir das classes marítimas das quais descreve a psicologia.

Refere-se ao antecedente da adesão da Federação Marítima à C. G. T. e à ação que juntou daquele organismo desenvolveu quando era secretário geral da C. G. T.

Veio em tudo isto a processar da campanha moscovita, cujos elementos, trancando nisso lábios a palavra unidade, só buscaram desmembrar, recorrendo para isso a todos os meios, os mais condenáveis.

Até aí um ofício da Secção Federal do Sul da Confederal para a propaganda a favor do auxílio ao Povo, visto que os seus dirigentes assim procedem por não terem feito vingar no seu dia da organização os seus objectivos políticos. Lé e manda para a mesa a seguinte moção que foi aprovada por unanimidade:

Considerando que pela Federação Marítima, foi enviado ao Conselho Confederal da C. G. T. um ofício dando conta de uma moção aprovada na sua última reunião do Conselho Federal, na qual declara àquele organismo suspender as suas relações com a C. G. T.; que o Conselho Confederal, a quando da suspensão de relações com os sindicatos dos arsenais de marinha e do exército, aprovou uma moção pondo o mesmo pé de igualdade aos organismos que se colocassem nas mesmas condições; mas considerando que a Federação Marítima é um organismo coordenador dos vários sindicatos de indústria que lhe são aderentes, alguns dos quais se encontram perfeitamente de acordo com os objectivos ideológicos que norteam a C. G. T.; que a atitude da Federação Marítima merece ser escalpelada, e, simultane